

**Dinâmica urbana e ambiental do parque “horto florestal” em Campo Grande - MS****Urban and environmental dynamics of the "horto florestal" park in Campo Grande - MS**

Recebimento dos originais: 15/07/2018

Aceitação para publicação: 30/08/2018

**Adriano Almeida**

Acadêmico do 4º semestre de Geografia Bacharelado pela UFMS  
Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Endereço: Av. Costa e Silva, s/nº – Bairro Universitário  
CEP: 79070-900 – Campo Grande – MS  
E-mail: adrianodasilvaalmeida@gmail.com

**Amarildo Medeiros**

Acadêmico do 4º semestre de Geografia Bacharelado pela UFMS  
Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Endereço: Av. Costa e Silva, s/nº – Bairro Universitário  
CEP: 79070-900 – Campo Grande – MS  
E-mail: amagro.mede@gmail.com

**Edson Pereira de Souza**

Doutorando em Ensino de Ciências pela UFMS  
Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Endereço: Av. Costa e Silva, s/nº – Bairro Universitário  
CEP: 79070-900 – Campo Grande – MS  
E-mail: edson.souza1984@gmail.com

**Elaine Silvia da Cruz**

Mestranda em Ensino de Ciências pela UFMS  
Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Endereço: Av. Costa e Silva, s/nº – Bairro Universitário  
CEP: 79070-900 – Campo Grande – MS  
E-mail: elaines.cruzvieira@gmail.com

**Icléia Albuquerque de Vargas**

Doutora em Meio Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade Federal do Paraná (UFPR)  
Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Endereço: Av. Costa e Silva, s/nº – Bairro Universitário  
CEP: 79070-900 – Campo Grande – MS  
E-mail: icleiavargas12@gmail.com

**RESUMO**

Os parques urbanos são áreas verdes com espaços públicos capazes de trazer qualidade de vida para a população, além de uma proximidade com a natureza, pelos diversos usos da paisagem nesses espaços. Ademais, este artigo, tem como objetivo geral compreender a dinâmica urbana e ambiental do Parque Horto Florestal em Campo Grande – MS. Metodologicamente, a pesquisa foi embasada no método científico, no enfoque pela pesquisa qualitativa; documental e exploratória, respaldada nas pesquisas bibliográfica e de campo, além do uso de fontes secundárias, sendo critérios de inclusão de produções e publicações na temporalidade de 1986 a 2017, em língua portuguesa. Todavia, os resultados apontam que a área verde onde o Parque Horto Florestal (PHF) está instalado, apresenta-se satisfatória para abrigar recreação e lazer. No entanto, existe a necessidade de desenvolver políticas públicas voltadas para a preservação do meio ambiente, além da promoção de asseio e conservação de toda a área do Parque.

**Palavras-chave:** dinâmica espacial; parques urbanos; horto florestal; território e territorialidade.

**ABSTRACT**

The urban parks are green spaces with public spaces capable of bringing quality of life for the population, as well as a proximity to nature, by the diverse uses of the landscape in these spaces. In addition, this article aims to understand the urban and environmental dynamics of the Horto Florestal Park in Campo Grande - MS. Methodologically, the research was based on the scientific method, focusing on qualitative research; documental and exploratory, supported by bibliographical and field research, as well as the use of secondary sources, being criteria of inclusion of productions and publications in the temporality from 1986 to 2017, in Portuguese language. However, the results indicate that the green area where the Horto Florestal Park (PHF) is installed is satisfactory for recreation and leisure. However, there is a need to develop public policies aimed at preserving the environment, as well as promoting the cleanliness and conservation of the entire area of the Park.

**Key words:** spatial dynamics; urban parks; horto forest; territory and territoriality.

**1 INTRODUÇÃO**

Os parques se caracterizam por uma área verde com função ecológica, estética e de lazer, tendo uma extensão maior que praças e jardins públicos. Esses parques apresentam condições ambientais adequadas às árvores e áreas verdes urbanas, contribuindo gradativamente para a qualidade de vida nas cidades e valorizando os ambientes (BRASIL, 2006).

O parque urbano é uma área de domínio público voltado para a população que pode dispor de locais destinados às atividades didáticas, culturais, práticas de esporte, recreação, lazer e preservação da vegetação natural e das áreas verdes urbanas (SOUZA, 2007). A harmonia desse local pode proporcionar à comunidade condições ambientais adequadas, com características físicas e sociais ideais para o desenvolvimento da atividade física ao ar livre, bem como o lazer e recreação (BARTON; PRETTY, 2010).

Os parques, em sua maioria, localizam-se em áreas urbanas, sendo considerados locais para a promoção de atividades que motivem a população a frequentar e ter noção de que os parques públicos precisam de políticas de conservação, que consigam atender as reais necessidades devido a sua criação e existência (CASSOU, 2009).

Os espaços naturais precisam ser lugares preservados, e que disponham de uma boa qualidade do ambiente para que os frequentadores consigam suprir os benefícios. Estudos apontam que a infraestrutura adequada, segurança e facilidade de acesso, configuram em fatores positivos, e faz com que as pessoas passam frequentar ativamente os parques, enxergando nesse ambiente urbano os benefícios sociais, físicos e, principalmente, o psicológico que mexe com a autoestima das pessoas (HANSMANN *et al.*, 2007).

Os parques se constituem em espaço natural agradável, promovendo benefícios para aos habitantes, pois ambientes ‘cobertos’ de área verde reduzem o estresse provocado pela dinâmica da rotina urbana diária, além de configurar-se em espaço de aproximação do ser humano com a natureza.

O Parque Horto Florestal (PHF), também chamado de Parque Florestal Antônio de Albuquerque, está situado na área urbana central de Campo Grande/MS, contendo espécies nativas do cerrado, com cobertura vegetal de porte arbustivo-arbóreo, já que é o bioma que abrange a cidade, embeleza e contribui para a melhoria da qualidade de vida no espaço urbano. Contudo, o PHF dispõe de uma área verde significativa com infraestrutura para a prática de atividades físicas como: caminhada, corrida, academia ao ar livre, bicicross, pista de skate, oficinas culturais com aulas de violão, reciclagem, desenho, pintura, além do centro de convivência para idosos.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, formulou-se o seguinte questionamento: Por que o Parque Horto Florestal, apesar da localização privilegiada na zona central da cidade de Campo Grande/MS, apresenta um fluxo reduzido de frequentadores? À guisa de equacionamento desta pergunta, definiu-se o objetivo geral de compreender a dinâmica urbana e ambiental do Parque Horto Florestal de Campo Grande/MS. Para tanto, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: a) descrever o processo histórico e as transformações do Parque Horto Florestal; b) contextualizar os conceitos de territorialidade, meio ambiente e área de lazer associando-os ao Parque Horto Florestal e; c) identificar as perspectivas, negativas e positivas sobre a dinâmica urbana e ambiental do parque.

Ademais, metodologicamente esta pesquisa se referendou no método científico, tendo enfoque na pesquisa qualitativa<sup>1</sup>, a qual permite que o(s) pesquisador(es) se aprofunde(m) no estudo do fenômeno, e, paralelamente ao ambiente natural como fonte direta para a coleta de dados. Em

---

<sup>1</sup> Para Martins e Theóphilo (2008, p. 135) a pesquisa qualitativa pede “descrições, compreensões e análises de informações, fatos, ocorrências que naturalmente não são expressas por números”.

seguida, foi-se para a parte documental e exploratória, respaldada em pesquisas bibliográfica e de campo (*in loco*), além do uso de fontes secundárias (principalmente, artigos científicos), sendo critérios de inclusão de produções e publicações na temporalidade de 1986 a 2017, em língua portuguesa.

Acrescentam-se como características principais da pesquisa qualitativa a imersão do(s) pesquisador(es) no ambiente da pesquisa, mantendo contato direto com o objeto pesquisado, além da possibilidade de se acompanhar o processo. O tipo de pesquisa é bibliográfico, visando conhecer as principais contribuições teóricas para fundamentar o trabalho e pesquisa de campo procedente de observação *in loco* de fatos e fenômenos, exatamente como ocorrem no cotidiano do parque, além da realização de registro fotográfico e coleta de informações documentais da biblioteca e também no Arquivo Histórico de Campo Grande (ARCA). Posteriormente, partiu-se para a construção de mapas, com o auxílio do software *Quantum GIS*, na sua versão 2.18 Las Palmas.

Nesse contexto metodológico, partiu-se para a revisão do contexto histórico do Parque Horto Florestal, sua dinâmica e conceitos de transformação urbana, territorialidade, meio ambiente e área de lazer. Durante o desenvolvimento da pesquisa, identificaram-se um total de 30 (trinta) publicações, entre periódicos, resoluções, livros e artigos, estes agrupados e analisados. Porém, estabeleceu-se critério de inclusão, estudados o quantitativo de 28 (vinte e oito) do total apresentado, por remeterem a proposta deste objeto de estudo. O material levantado por meio das bases de pesquisa científicas: SCIELO, LLACS, MEDILINE-Bireme com publicação de 1986 a 2017 em língua portuguesa, permitiu-nos organizar o campo e a produção deste artigo.

Assim, este artigo, foi estruturado em três partes, em que na primeira é contextualizado o histórico do Parque Horto Florestal (PHF), além de sua dinâmica de transformação no decorrer dos anos, a localização espacial na cidade de Campo Grande/MS. Em seguida, na segunda parte, buscou-se apresentar o conceito de territorialidade, meio ambiente e lazer, contextualizando o Parque Horto Florestal (PHF) a partir das perspectivas identificadas.

Com isso, apresentam-se a terceira parte, nas considerações finais, buscando mostrar e compreender a importância do PHF como oportunidade para práticas de educação ambiental, por meio de visitação das escolas e universidades, além de manifestar a compreensão do geógrafo, a partir de uma análise socioambiental sinalizando a importância e preocupação desta área verde, no perímetro urbano da cidade de Campo Grande.

**2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E DINÂMICA DE TRANSFORMAÇÃO URBANA DO PARQUE HORTO FLORESTAL (PHF)**

Apresenta-se nesse capítulo o contexto histórico do Parque Horto Florestal, sua dinâmica de transformação ao longo dos anos, descrevendo elementos que constitui a estrutura física do local, bem como a construção no entorno. O parque urbano ocupa um espaço público livre e estruturado pela vegetação, com áreas para o lazer, seja de qualquer tipo, práticas esportivas, além de atividades culturais, exibindo componentes da paisagem natural com capacidade de incorporar intenções de conservação e preservação da vegetação (MACEDO; SAKATA, 2003).

Estruturada morfológicamente e autossuficiente, ou seja, sem influência direta da estrutura construída no entorno, existe a necessidade de conhecer o processo histórico de surgimento da área, para assim compreender sua dinâmica de transformação ao longo dos anos (MACEDO; SAKATA, 2003).

O surgimento dos parques de pequena dimensão não deve ser tomado como fato recente, pois os registros apontam que eles exercem importância histórica, no início com dimensões inferiores a de inúmeras praças, porque na época haviam sido instituídos apenas a uma área periférica da cidade, tornando-se mais comum e denota sua origem na década de XX (SOUZA, 2007).

Essas áreas verdes urbanas exerciam suas funções voltadas para a estética e o lazer. Na década de 1980, com a institucionalização da questão ambiental no país, o espaço urbano passou a ser tratado como área em constante evolução, sendo vinculado aos problemas ambientais e a qualidade de vida dos habitantes (SECTUR, 2017).

Ademais, o processo histórico do Parque Florestal Antônio de Albuquerque, conhecido como Horto Florestal (conforme **figura 1**), tem seu início de transformação, no início do século XX, a partir da confluência entre o Córrego Prosa e o Córrego, originando o Rio Anhanduizinho, considerado nos dias atuais de grande importância para a região. O parque abrigou várias atividades ficando conhecido como área de Matadouro e Saladeiro (lugar onde se salga a carne e o couro do gado), cuja produção era enviada para São Paulo pela ferrovia (SECTUR, 2017).

Em 1918, Campo Grande foi elevada à categoria de cidade, com aprovação do Dr. Arnaldo Estevão de Figueiredo, governador do antigo Mato Grosso na época e sancionada pelo então Prefeito Municipal de Campo Grande, quando criaram o Parque Municipal da cidade em 1923. A área de mais de seis hectares passa a ser chamada de Horto Florestal, local onde estava instalada a sede dos serviços de Parques e Jardins da Prefeitura, que tinha como característica manter preservadas as inúmeras espécies de árvores produzidas para arborização de Campo Grande, e das cidades vizinhas, e para a época até a capital Cuiabá (SECTUR, 2017).



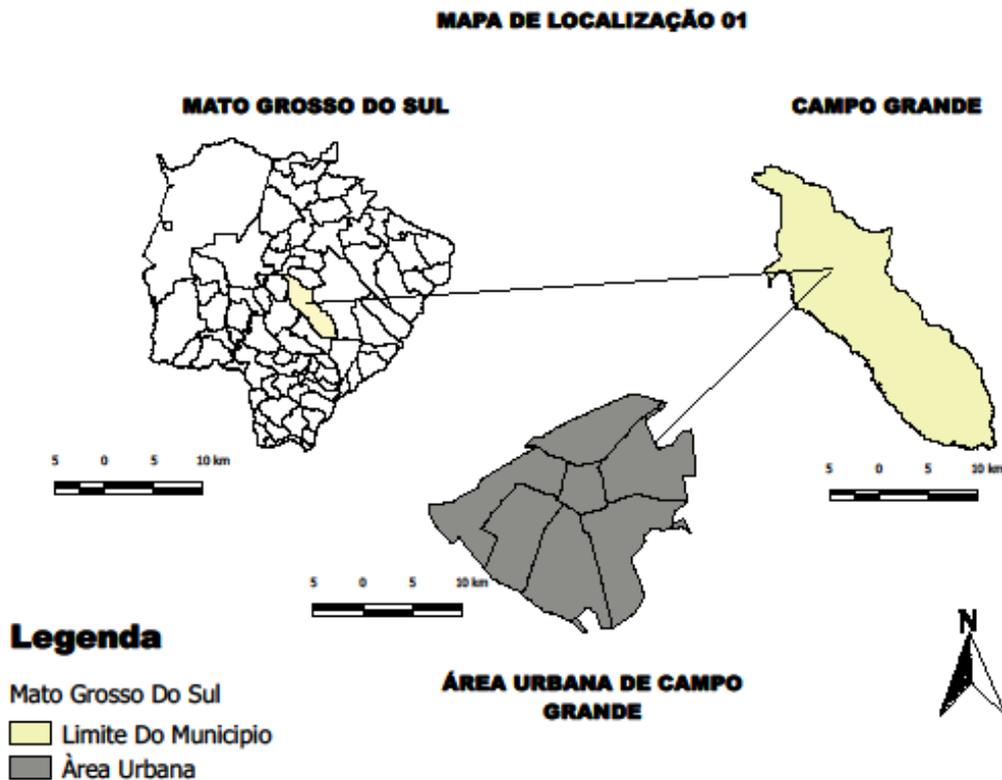
**Figura 1:** Fachada do Parque Florestal Antônio de Albuquerque – conhecido como Horto Florestal.

Temporalmente, entre 1976 a 1980, a produção de mudas se instalou na Vila Popular, e, posteriormente, a construção das dependências do Parque Horto Florestal, com teatro de arena, setor administrativo, restaurante, além da instalação da patrulha Mirim nos anos de 1984 a 1990. Na década de 1990, o Parque Horto Florestal sofreu interdição para reforma, visando assim aumentar o complexo de área de lazer na cidade.

O parque urbano foi revitalizado e entregue à população em 19 de maio de 1995, com o nome de “Parque Florestal Antônio de Albuquerque”. Atualmente o complexo está dividido em três partes, sendo uma praça, o Centro de Convivência do Idoso e o Núcleo Principal que é composto por Centro de Atividades Múltiplas (teatro de Arena), Biblioteca Municipal, lanchonete, parlatório, *playground*, espelho d’água, concha de bocha e malha, pista de bicicross, orquidário e espaço de oficinas de artes, onde são oferecidas aulas de mosaico, violão popular, clássico, desenho, pintura, tai-chi-chuan, reciclagem de papel (ALCÂNTARA; PAIXÃO; SILVA, 2016).

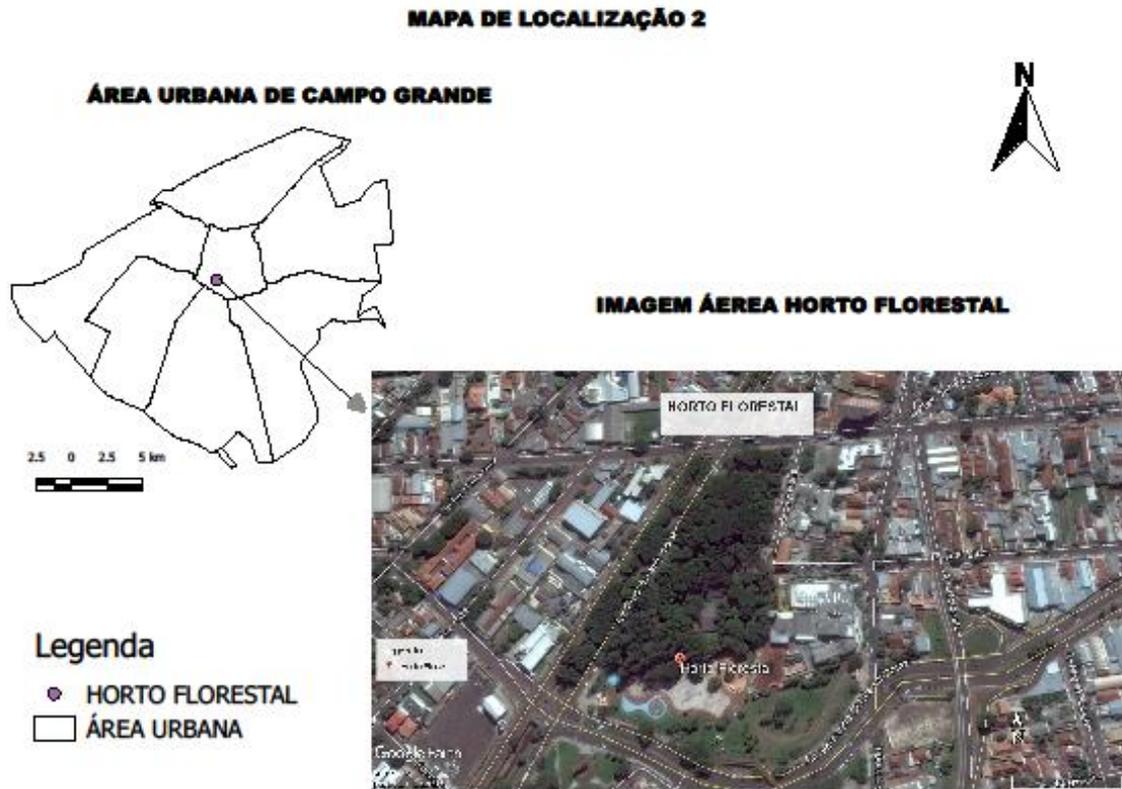
O Parque Horto Florestal sinaliza a necessidade de integrar a população do entorno, uma vez que os parques urbanos são fragmentos do ambiente natural no meio ambiente, sendo resultados da metamorfização do imaginário, sendo sua preservação e uso do território fundamentais para se estabelecer o contato e as relações com a natureza (MACEDO; SAKATA, 2003).

Na área urbana de Campo Grande (**figura 2**) o Parque Horto Florestal (**figura 3**) compreende uma área total de 45 mil m<sup>2</sup>. Com o prolongamento da avenida centro-bairro, a área acabou dividida em frações distintas. O projeto, além de unir esses espaços, por meio de uma passarela em estrutura metálica, que passa sobre a avenida, criou uma série de equipamentos de lazer e recuperou outros, com novas funções (AU, 1997).



**Figura 2:** Mapa de localização de Campo Grande e sua área urbana.

Para Rocha (2011), toda essa estrutura surgiu a partir de uma proposta de reorganização espacial e da vegetação, em que se procura "não descaracterizar a estrutura original do horto". Criaram-se novos percursos, pequenas praças - como a Praça das Árvores, com bancos e esculturas da artista plástica Neide Ono -, além do plantio de novas espécies florais, incluindo quaresmeiras, chuvas-de-ouro, paineiras e flamboyants. O desenho (em forma de um y invertido) dos pórticos (**figura 1**), que marcam toda a área, é uma analogia formal sobre a junção dos córregos Prosa e Segredo, hoje - canalizados -, às margens dos quais surgiu a cidade. No revestimento das edificações foi aplicado tijolo à vista, remetendo a terra e barro.



**Figura 3:** Localização do Parque Horto Florestal na área urbana de Campo Grande/MS.

No entorno do parque existem patrimônios consideráveis, tais como: Mercado Municipal, antigo Colégio Oswaldo Cruz, a Igreja Matriz de Santo Antônio, a casa de Lídia Baís, instituições privadas de ensino e formação profissional (Sesc Horto e Senac), e estabelecimentos comerciais, que marcam vivências, lembranças, histórias transmitidas de gerações em gerações por se tratar de uma área urbana central.

### **3 A DINÂMICA URBANA E AMBIENTAL A PARTIR DAS TERRITORIALIDADES E MEIO AMBIENTE NO PARQUE HORTO FLORESTAL**

Oportuniza-se neste item a apresentação das noções de territorialidade, meio ambiente e área de lazer, a partir das constatações oriundas do Parque Horto Florestal, descrevendo sob o ponto de vista dos autores, a compreensão e a relação entre os elementos e o ambiente de estudo.

Para Martins (2007), ao abordar a territorialidade em um determinado ambiente, faz-se necessário conceituar as premissas para que o contexto inserido no processo não seja vago, quando um indivíduo ou grupo, exerce uma estratégia de poder em um dado espaço geográfico, observa-se a existência da territorialidade, pois acaba sendo algo mais cultural que físico. Ela (a territorialidade) está inserida no “espaço geográfico”, pois é nele que ocorre a prática de ações contribuindo para a construção de apropriações de relações entre os atores sociais envolvidos no

processo, sendo ante ao objeto ou em prol, tida como a estratégia utilizada para fazer o uso e ocupação do território (MARTINS, 2007).

Com conceitos atuais, evitando as transposições diretas entre animalidade e humanidade, a territorialidade envolve “a preocupação com o destino, a construção do futuro, o que, entre os seres vivos, é privilégio dos humanos, sendo esta incorporada pelas ciências humanas e sociais a partir da compreensão de que os comportamentos humanos devem ser analisados também em sua dimensão espacial” (ALBAGLI, 2004, p. 28).

Referindo-se, então, às relações entre um indivíduo ou grupo social e seu meio de referência, que se manifesta nas várias escalas geográficas – uma localidade pode expressar um sentimento de pertencimento e um modo de agir no âmbito de um dado espaço geográfico. No nível individual, territorialidade faz referência ao espaço pessoal imediato, que em muitos contextos culturais é considerado um espaço inviolável. Já, em nível coletivo, a territorialidade torna-se também um meio de regular as interações sociais e reforçar a identidade do grupo ou comunidade (ALBAGLI, 2004).

Para Saquet (2015, p. 120), a territorialidade é:

O acontecer de todas as atividades cotidianas, seja no espaço do trabalho, lazer, igreja da família, escola, ou seja, são as relações diárias, momentâneas e processuais, que os homens mantêm entre si, com a sua natureza interior e a inorgânica para sobreviverem biológica e socialmente.

A territorialidade pode ser vista ainda como um fenômeno de “organização do espaço em territórios diversos”. É uma forma de ampliar o controle sobre um dado território, tornando-o distinto, menos parcialmente e exclusivo, contribuindo para prover o poder territorial por meio de identidades coletivas. A territorialidade é um elemento de coesão social, fomentando sociabilidade e solidariedade; mas, pode ser também fonte ou estímulo de hostilidades, ódios e exclusões (ALBAGLI, 2004, p 30).

Mediante ao diálogo sobre territorialidade, exemplifica-se a existência de um grupo de idosos desenvolvendo atividades no Parque Horto Florestal, em um espaço múltiplo, com horários definidos. Ora, desenvolveu-se uma estratégia para a concretização e formas de uso, com isso, compreende-se o exercício do poder num mesmo território, com a ocorrência de inúmeras atividades nessa área do parque, sobretudo com horários distintos.

Continuando a proposta de compreensão sobre o conceito de territorialidade, reporta-se a Haesbaert (2004), que analisa o termo como sendo originário de uma dupla conotação, descrita como material e simbólica, a territorialidade exerce grande influência, pois no sentido etimológico da palavra, manifesta-se tão próximo de *terra – territorium*, quanto de *terra-terror* (terror aterrorizar), já seguindo uma dominação jurídico-política, na qual a terra é vista como inspiração do medo, e por outro lado, sendo objeto de privilégio com efetiva apropriação.

Diante do contexto exposto nas entrelinhas, o território é sempre múltiplo diverso e complexo, assume uma relação de dominação e/ou de sociedade e espaço construído de maneira sociável e aparece de maneira difusa para toda a sociedade, podendo ser trabalhado de maneira genérica. Distingue-se o território e as dinâmicas de desterritorialização através dos sujeitos que exercem o poder efetivamente, controlando os espaços e suas relações sociais (HAESBAERT, 2004).

Ele não é simplesmente uma substância notória de recursos naturais e uma demografia populacional, e sim uma categoria expressa que pressupõe o espaço geográfico como sendo um processo de apropriação-territorialização-territorialidade que se materializam momentaneamente seguindo uma determinada ordem e configuração dentro do espaço, sendo dinâmicas e mutáveis (BOURDIEU, 1989).

A territorialidade quando concretizada, materializa o território. É resultado do trabalho social produzido pelos humanos, no qual o ambiente é a matéria-prima essencial, cuja esta construção não é material e sim, apenas uma representação do que seria uma construção ideal em que esse território resultará em paisagem, sem a intermediação daquilo que se imagina. Por isso, nos dias atuais os territórios representam as transformações que seguiram de acordo com o ritmo das novas técnicas (BARTALINI, 1986).

O meio ambiente inserido no contexto denota no seu sentido mais amplo o suporte físico e os objetos ou até mesmo os traços que o identificam, e o homem dentro desse processo reserva o papel de mero espectador que percebe, compreende e sente, mesmo porque existe uma grande necessidade de integrar as questões urbanas e ambientais como forma de estar solucionando os chamados problemas inerentes as sociedades urbanas contemporâneas, em que os parques aparecem com destaque em decorrência do crescimento urbano (MACEDO; SAKATA, 2003).

Inúmeros fatores reunidos na infraestrutura e desenvolvimento econômico-social estão relacionados com a qualidade de vida urbana, pois muitas deles estão ligados à questão ambiental, e as áreas verdes surgem como um elemento de suma importância para o bem-estar da população, sendo considerado fatores que agem diretamente na saúde física e mental (LOBADA; DE ANGELIS, 2009).

As contribuições ecológicas são resultados de elementos naturais que compõem os espaços minimizando os impactos decorrentes da revolução industrial. Pautando principalmente na integração dos espaços construídos que destacam a vegetação no meio urbano, as estruturas dispostas nos parques urbanos, assumem elementos com características distintas por apresentarem as estruturas verdes com sua própria individualidade, funções e desenhos que compõem o desenho urbano (LAMAS, 1993).

Essas áreas constituem um mosaico urbano, porque as condições ecológicas se aproximam das normais da natureza, desempenhando um papel significativo, pois são essenciais para a saúde e decorrem de um processo em que as paisagens estão espalhadas no meio da cidade (SITTE, 1992).

Desta forma ao se reconectar com a natureza presente no ambiente do parque, o ser humano recupera as sensações que outrora foram esquecidas, e que somente o ambiente natural pode revelar, transportando os estímulos e sentimentos da natureza viva. Nesse ambiente natural as interações fluem de maneira mais adequada e podem trazer mais naturalidade as ações que se propõe desempenhar. Embora na prática, isto não se mostre de uma maneira evidente ao se analisar a dinâmica desses grupos que utilizam os parques.

Desta forma, pode-se assumir que território é ao mesmo tempo um misto de funcionalidade, simbolismo e combinações, pois ao realizarmos funções e imprimir significados, estamos exercendo domínio sobre esse espaço. O território nos apresenta funcionalidade a começar por sua caracterização como um recurso que nos oferece abrigo, recurso natural, fonte de vida (SACK, 1986).

Múltiplas ações configuram diferentes territorialidades no Parque Horto Florestal, espaços bem definidos apresentam recursos para prática de atividades e lazer, que integram várias pessoas em diferentes momentos, como no caso dos ateliês e espaços para atividades relacionadas à cultura e lazer, além de atividades voltadas ao entretenimento como shows culturais, que possibilitam a percepção de uma variedade cultural e diversificada, onde a territorialidade daquele momento se faz presente e deixa claro o importante papel do parque para a cidade de campo grande.

Esse aspecto cultural contempla todo o entorno do parque, seus moradores, frequentadores e também o setor comercial, já que o parque encontra-se inserido no centro da cidade e desta maneira o comércio ao seu redor é de grande expressão e muitas vezes se utiliza desse benefício ao fomentar atividades que busquem atrair pessoas que assim possam desfrutar de ambos os serviços disponíveis.

Embora não seja comum que esses agentes localizados no entorno do parque sejam contribuintes diretos para a sua conservação e asseio, até mesmo porque de acordo com a organização de administração do estado, essa não seria uma obrigação daqueles que ali se encontram, sendo esta função de exclusividade do poder público que administra o parque, no caso a Prefeitura de Campo Grande. Esse empenho só será alcançado por meio da sensibilização que só pode ser materializada pela educação ambiental e cultural, que deveria ser implementada e aplicada em vários níveis da sociedade.

O ambiente natural, assim como os ambientes construídos, são percebidos de acordo com as experiências sensoriais e os valores individuais de cada ser humano, os quais atribuem valores e

significados de acordo com uma relevância em suas vidas. Entretanto, os conceitos de meio ambiente, referem-se ao conjunto de fatores físicos, químicos e bióticos, que diariamente, chama-se de natureza, ou seja, lugar onde se vive e de onde depende nossa sobrevivência (BRASIL, 2006).

A palavra "meio ambiente" amplia a escala: o "meio" é mais amplo do que o "ambiente", mas, continua a se considerar apenas o suporte físico e os objetos, ou traços que o identificam. Ao homem é reservado o papel de mero espectador: o que percebe, compreende, sente, podendo ser definido como qualquer condição ou influência situada fora do organismo, é tido como grupo de sistema que se estuda (RAPOPORT, 1978).

Já, para Tuan (1995, p. 6), "as condições sob as quais qualquer pessoa ou coisa vive ou se desenvolve; a soma total de influências que modificam ou determinam o desenvolvimento da vida ou do caráter", nesse sentido o autor afirma que o meio condiciona o homem, pode-se dizer que o homem modifica e é modificado pelo meio em que está inserido por meio das experiências vividas e da mudança contínua que o mesmo exerce sobre o espaço.

Ademais, Chatelin (1986, p. 1) disse que:

Meios e paisagens são formados desses objetos que todo mundo pode ver, que alguns estudam, e que todos utilizam de diversas maneiras: as árvores e as terras, as rochas e as colinas... Pensar os meios e as paisagens é empreender a reunificação ou de colocar todas as atitudes que se pode adotar, em face destes objetos para perceber, compreender, sentir e se exprimir.

Diante do contexto exposto nas entrelinhas, o meio ambiente é o conjunto de fatores físicos, químicos e bióticos ao qual, cotidianamente, nos referimos como natureza, ou seja, é o lugar em que vivemos, do qual estas percepções do mundo estão relacionadas a fatores e personalidades, fatores como idade, gênero, experiências, aspectos socioambientais, educação e herança biológica, de um modo geral é necessário uma vivência inicial que se molda com o passar do tempo e desperta no homem as suas convicções a cerca de um determinado assunto. Os estímulos sensoriais e sentimentos relacionados ao espaço derivam de experiências voltadas ao exterior, o natural que é vivido e sentido (TUAN, 1995).

A forma como esse espaço é sentido e vivenciado pelo ser humano tem um significado único para cada um, no entanto os fatores relacionados a essas experiências é que determinarão o grau de relação a ser desenvolvido por esse indivíduo com o espaço ou meio em que ele estará inserido (CHATELIN, 1986).

Assim sendo, é de suma importância que o ser humano mantenha contato com o meio natural e possa vivenciar experiências que se tornarão sensações que o farão determinar sua percepção sobre aquele espaço. O parque tem um papel de grande importância no moldar dessas sensações visto que no ambiente urbano se sobressaem os espaços transformados, sendo necessária a busca pelo natural, mesmo que inserido no contexto da cidade de concreto e pedra.

A educação ambiental se apoia nos parques e faz deles ferramentas que levam as pessoas a uma reflexão sobre como a natureza deve ser tratada. O grande desafio da adoção de ideias que convirjam para uma harmonia entre o meio natural é de que o meio ambiente natural foi substituído por espaços urbanos, espaços estes que se tornam palco de diversas relações sociais e econômicas em um meio antropicamente alterado, não havendo tempo e espaço para busca da natureza perdida, tornando o exercício da educação ambiental um desafio recorrente que se torna cada dia mais urgente.

A educação e a prática ambiental oferecem suporte no processo de transformação da sociedade e do meio natural, por meio da indicação de utilização mais adequada dos recursos naturais e do meio ambiente. Ao se deparar com um parque no meio urbano tem-se a certeza de que a natureza foi respeitada e, de alguma forma, essa ideia é difundida nas escolas e centros de educação que se utilizam do Parque Horto Florestal para práticas de educação ambiental, ou quando as pessoas utilizam o parque para desempenhar suas atividades, de lazer.

Para Silva (1989) existe diferença entre lazer e recreação, atribuindo ao primeiro uma dimensão negativa, ou seja, a entrega à ociosidade repousante, enquanto que a recreação seria a entrega ao divertimento, ao esporte, ao brincar. Já, área de lazer recebe o conceito de um espaço para a recuperação das energias despendidas com o trabalho ou atividades, seja a nível físico ou mental.

A inserção do homem no meio ambiente carrega consigo a importância de áreas verdes dentro dos aglomerados urbanos, pois elas inserem dentro desse contexto várias funções ambientais, dentre elas mencionam-se o local para a coexistência de espécies exóticas, preservação das espécies nativas tanto da fauna quanto da flora, além de manutenção dos mananciais que são vitais para o abastecimento de água e sobrevivência humana uma vez que, todo espaço de uso público tem a capacidade de incorporar estruturas morfológicamente autossuficientes para a realização de atividades que coloque a população em contato direto com as áreas (MACEDO; SAKATA, 2003).

Os parques na cidade de Campo Grande oferecem diversos benefícios não só na melhora da qualidade de vida, mas também por agregar benefícios e valores ao ecossistema que condicionam características físicas e sociais, por se tratar de espaço verde natural com ambiente dotado de uma vasta vegetação, que integra o ambiente construído no entorno (BARTON; PRETTY, 2010).

No Parque Horto Florestal a vegetação é responsável pela criação de ambientes esteticamente agradáveis que ajudam na promoção de qualidade de vida. Por outro lado, apresenta-se uma vulnerabilidade quando se relaciona as bases de recursos naturais, mesmo assim o espaço geográfico se apresenta bem estruturado.

Embora tenha uma estrutura que demande alguns cuidados, e que nem sempre são atendidos, tornam-se ameaçadas a existência de algumas vegetações, seja pelo sufocamento da cidade, seja pelo descaso da sociedade e estado. Quando o renegam em suas principais necessidades e quando o usuário deixa de desempenhar seu papel de cidadão responsável, perde-se um pouco mais do que seria uma nova retomada de sustentabilidade e da prática ambiental.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Existe uma imensa necessidade da inserção de políticas públicas voltadas para o atendimento da questão ambiental, assim como para o desenvolvimento urbano sustentável. Dentro das políticas públicas, faz-se necessário que a educação ambiental esteja cada dia mais presente, de forma consistente e eficaz, promovendo o conhecimento, definindo novas atitudes e comportamentos, direcionando as pessoas para práticas socioambientais mais sustentáveis.

É perceptível que o Estado não se empenha de maneira adequada e satisfatória no que diz respeito às políticas ambientais, torna-se evidente o papel da sociedade na busca por soluções que venham a suprir a demanda por políticas públicas voltadas ao meio ambiente. A população precisa ater-se ao tema, evitando que o descaso possa resultar em consequências que a atinjam diretamente, e também às futuras gerações.

Deve-se direcionar o foco na educação e formação ambiental e cultural do cidadão para que ele seja um multiplicador do conhecimento e de práticas socioambientais, para num futuro próximo tornar o meio em que vive mais adequado, seguro e agradável. Pois, o Parque Horto Florestal é um lugar de valor histórico, cultural, social e ambiental, cabendo, principalmente, aos campo-grandenses fazerem jus a esse benefício, utilizando-o e cuidando-o, além de cobrar do poder público as suas responsabilidades com a manutenção e conservação desse ambiente, que representa parte da natureza que nos circunda.

O Parque Horto Florestal, mostra-se como um ambiente favorável à prática de atividades físicas e do lazer, embora sua localização não contemple as áreas periféricas da cidade, por estar localizado na região central da cidade de Campo Grande. Desta forma, aqueles que não têm acesso ao parque, buscam alternativas mais acessíveis e mais próximas, sendo que a frequência no parque seja constituída por parte dos moradores do entorno.

Além de proporcionar um ambiente para a prática de esportes e lazer, o parque também desperta importante conhecimento ambiental para o desenvolvimento e continuidade da área verde em nossa cidade e do meio ambiente como um todo, visto que o contato com essa natureza nos remete ao sentimento de bem estar que o ambiente é capaz de proporcionar. Mesmo em espaço urbano, o parque é capaz de transformar a nossa percepção da cidade, sua condição de ambiente

natural com árvores e flores revela que a cidade pode respirar um pouco melhor, apesar do adensamento urbano em seu entorno.

A presença do Parque Horto Florestal é significativa para o desenvolvimento de atividades relacionadas à educação ambiental, tanto por escolas de educação básica como também por universidades, visto que a imponente área verde, com vegetação de cerrado formada por arbustos e muitas árvores que despertam o estudo e orientação a respeito da conservação da flora e também dos cuidados com meio ambiente como um todo. As universidades ainda podem se beneficiar, além da educação ambiental, para estudos que envolvam análises de dinâmicas sociais e culturais que acontecem no parque. Num contexto geopedagógico, a existência de parques urbanos, torna-se importante para despertar o interesse nas questões ambientais de cada indivíduo, e também da coletividade.

O parque também proporciona diversas atividades culturais que possibilitam a integração da comunidade e difusão de cultura para a população da cidade, promovendo o encontro e o diálogo de pessoas de vários lugares. Enfim, faz-se necessário que os parques ofereçam uma infraestrutura adequada com espaços e vias bem sinalizados, lista de atividades de fácil acesso a todos, ambientes seguros e limpos que motivem as pessoas a os frequentarem, cabendo ao poder público manter o funcionamento adequado da estrutura do parque. Contudo, o profissional Geógrafo, como ator social no planejamento da cidade, deve estar atento aos espaços destinados a parques urbanos, por meio do plano diretor que visa a um direcionamento do desenvolvimento da cidade, pois, se há possibilidade de inserir áreas verdes para contribuir para uma melhor qualidade de vida na cidade, esse planejamento deve buscar uma harmonia entre o espaço urbano, a natureza e o cidadão que utiliza esse espaço.

## REFERÊNCIAS

ALBAGLI, S. Território e territorialidade. **Territórios em movimento: cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva. Rio de Janeiro: Relume Dumará**, p. 23-69, 2004.

ALCÂNTARA, A. de P.; PAIXÃO, R. O.; SILVA, W.G. da. A integração entre dois parques urbanos e escolas de educação básica de campo grande (MS). **VI Seminário Internacional da América Platina (I Colóquio Unbral de Estudos Fronteiriços)**, Campo Grande- MS, 2016.

AU. ARQUITETURA E URBANISMO. Edição 75-São Paulo, Dezembro/1997.

BARTALINI, V. Áreas verdes e espaços livres urbanos. **Paisagem e Ambiente: Ensaios**, São Paulo, n. 1, p. 49-54, 1986.

BARTON, J.; PRETTY, J. What is the Best Dose of Nature and Green Exercise for Improving Mental Health? A Multi-Study Analysis. **Environ. Sci. Technol**, 44, 3947–3955, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa; DIFEL, Rio de Janeiro. Bertrand- Brasil, 1989.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Conselho Nacional de Meio Ambiente. CONAMA Resolução Nº 369, de 28 de março de 2006- In: Resoluções, 2006. Disponível em : < <http://www.m.ma.gov.br/cidades-sustentaveis/areas-verdes-urbanas/parques-e-%C3%A1reas-verdes>>. Acesso em 20 jun. 2017.

CASSOU, A.C.N. **Características ambientais, Frequência de utilização e nível de atividade física dos usuários de parques e praças de Curitiba-PR**. Curitiba, 2009. 130 p. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná.

CHATELIN, Y. "Avant-propos." In: BLANC-PAMARD et alii (eds.). Milieux et **Paysages: essai sur diverses modalités de connaissance**. Paris, Masson, p. 1-3. 1986.

GOOGLE. Google Earth.Pro.2017 (Localização do Parque Horto Florestal de Campo Grande-MS). Disponível em: <https://www.google.com.br/earth/download/gep/agree.html>. Acesso em 26/07/2017

HAESBAERT, C. R. **O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade**. Bertrand Brasil, 2004.

HANSMANN, R., HUG, S. M., SEELAND, K. Restoration and stress relief through physical activities in forests and parks. **Urban Forestry & Urban Greening** 6 (213–225), 2007.

LAMAS, J. M. I R. G; UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. 1993.

LOBODA, C. R.; DE ANGELIS, B. L. D. Áreas verdes públicas urbanas: conceitos, Usos e funções. **Ambiência**, v. 1, n. 1, p. 125-139, 2009.

MACEDO, S. S.; SAKATA, F. G. **Parques urbanos no Brasil**. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial de São Paulo, 2003.

MARTINS, S. R. O. Territorialidade e Cotidiano na Área Circunvizinha à Lagoa Comprida, em Aquidauana/MS. In: ENCONTRO SUL-MATO-GROSSENSE DE GEÓGRAFOS, Corumbá. **Anais**. Campo Grande: UFMS, 2007. V. 1. p. 874-888. 2007.

MARTINS, G. A.; THEÓPHILO, C. R. Produção Científica em Contabilidade no Brasil: Dez Pecados. In: LOPES, J.; RIBEIRO FILHO, J. F.; PEDERNEIRAS, M. (Orgs). Educação contábil: tópicos de ensino e pesquisa. São Paulo: Atlas, p. 1-14. 2008.

RAPOPORT, A. **Aspectos Humanos de la Forma Urbana: hacia una confrontación de las ciencias sociales con el diseño de la forma urbana**. Barcelona, Ed. Gustavo Gilli, 381 p. 1978.

ROCHA. A. O Horto. 2011. Disponível em <https://www.campograndenews.com.br/artigos/o-horto-por-adriana-rocha>. Acesso em 12 julho 2017.

SACK, R. **Human Territoriality: its theory and history**. Cambridge University Press. 1986.

SAQUET, M. A. **Por uma Geografia das Territorialidades e das temporalidades. Uma concepção multidimensional voltada para a cooperação e para o desenvolvimento territorial**. 2ª ed., revista e ampliada. Rio de Janeiro: Consequência, 2015.

SECTUR Secretaria Municipal de Cultura e Turismo. Horto Florestal. Monumentos e Locais. Disponível em <http://www.capital.ms.gov.br/sectur/artigos/horto-florestal>>. Acesso em 20 maio 2017.

SEMADUR Secretaria Municipal de meio Ambiente e Gestão Urbana. Disponível em <http://www.campogrande.ms.gov.br/semadur/mapoteca/>. Acesso em 26/07/2017

SILVA, J. A. da. Curso de Direito Constitucional Positivo. 5ª ed. ver. amp., São Paulo: 1989.

SITTE, C. **A Construção das Cidades segundo seus Princípios Artísticos Organização e Apresentação de Carlos Roberto Monteiro de Andrade**, tradução de Ricardo Ferreira Henrique, editora Ática, São Paulo, 1992.

SOUZA, J. M. N. **Atividade Física ao Ar Livre e Parques Urbanos**. Porto, 2007. 52 p. Monografia em Educação Física – Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. 2007.

TUAN, Yi-Fu. "Environment and World". In: **Professional Geographer**, 17 (5): 6-7. 1995.